

## **HABITUS E PROCESSOS SOCIAIS:**

Revisando as teorias de Pierre Bourdieu e Norbert Elias

Ícaro Yure Freire de Andrade<sup>1</sup>

**Resumo:** O presente artigo tem como objetivo propor um diálogo possível entre a teoria figuracional de Norbert Elias e a sociologia praxiológica de Pierre Bourdieu. Muito mais do que apontar elementos em comum entre tais teorias, o que intentamos aqui é deixar claro o possível diálogo entre elas, assim como as contribuições teóricas e metodológicas que nascem desse encontro após seus respectivos estabelecimentos.

**Palavras-chave:** Figuração; Habitus; Teoria Social; Emoções

## **HABITUS AND SOCIAL PROCESSES:**

Reviewing theories of Pierre Bourdieu and Norbert Elias

**Abstract:** This article aims to propose a possible dialogue between the figurative theory of Norbert Elias and the praxiological sociology of Pierre Bourdieu. More than pointing out common elements between such theories, we try to make clear the possible dialogue between them, as well as the theoretical and methodological contributions that arise from this meeting after their respective establishments.

**Keywords:** Figuration; Habitus; Social Theory; Emotions

### **Introdução**

Norbert Elias e Pierre Bourdieu possuem um lugar cativo na teoria sociológica contemporânea. Para além das diferenças estabelecidas entre suas sociologias, enxergamos uma convergência de projetos analíticos: existem nessa convergência contribuições muito pertinentes para pensarmos o fazer sociológico hoje.

Apesar da exaustiva produção bibliográfica a respeito de tal relação entre as duas propostas sociológicas, ainda é necessário que essas “revisões” teóricas sejam retomadas, com o intuito não apenas do revisionismo pelo revisionismo da teoria em si, mas objetivando tornar ainda mais claros as congruências teóricas, assim como a atualidade dos argumentos e as suas possíveis contribuições para a sociologia de uma forma geral. São autores que se tornaram

---

<sup>1</sup> Doutorando em Sociologia (PPGS/UFPB). Membro do Grupo de Estudos em Sociologia Política (GRES-P). E-mail: icaroyuresocio@gmail.com

clássicos da teoria social contemporânea e a retomada de suas leituras de forma crítica torna-se sempre necessária.

Para isso é preciso que façamos uma breve exposição de tais perspectivas sociológicas e os instrumentos conceituais utilizados por tais autores em suas obras, para que posteriormente possamos apontar onde se estabelecem os diálogos e os rompimentos entre tais teorias. Já se é sabido que Norbert Elias e Pierre Bourdieu pertencem a etapas diferentes do pensamento sociológico, assim como a escolas diferentes. Apesar disso, não podemos negar a existência de continuidades e conexões entre a teoria dos autores, como também distinções próprias das escolhas feitas por cada um.

A primeira parte do artigo será centrada em apresentar a sociologia figuracional de Norbert Elias, assim como categorias utilizadas por este autor no transcorrer de sua produção teórica. Posteriormente será apresentada a sociologia praxiológica de Pierre Bourdieu e dessa forma também suas principais categorias de análise. No terceiro momento estabeleceremos uma breve discussão sobre como as teorias de Norbert Elias e Pierre Bourdieu permitem que sejam percebidas a relação entre as estruturas subjetivas e a experiência moral e emocional. Para isso relacionaremos as teorias dos autores buscando uma síntese entre ambas, visando desta forma ampliar o entendimento a respeito de suas respectivas contribuições para a teoria sociológica.

Tomaremos como base os trabalhos “*A sociedade dos indivíduos*” (1994), “*Introdução a sociologia*” (1970), “*Escritos e ensaios. Vol. I*” (2006), “*Os Alemães*” (1997) de Norbert Elias, “*O amor pela arte: os museus na Europa e seu público*” (2003) e “*Razões Práticas*” (2008) de Pierre Bourdieu. A utilização destes trabalhos como base dos argumentos que serão apresentados aqui, não tem como objetivo ignorar ou questionar a contribuição das várias obras produzidas por ambos os sociólogos. A escolha da utilização dessas obras não se dá em detrimento das outras tão mais conhecidas dos mesmos, mas com o intuito de fazer um recorte onde encontramos de modo mais evidente as contribuições dos autores em relação aos modelos sociológicos apresentados e defendido por ambos, assim como a relação entre moral e emoção presente em tais autores.

### **Norbert Elias: sociologia figuracional e processos sociais**

Norbert Elias vem sendo reconhecido tardiamente como um dos grandes contribuidores para se pensar a sociologia do final do século XX. Foi com sua teoria dos processos civilizadores que o sociólogo alemão, radicado pelas circunstâncias na Inglaterra,

conseguiu galgar lugar nos espaços acadêmicos e, conseqüentemente, nas discussões a respeito da teoria social.

É perceptível a ênfase dada a importância que esta teoria teve tanto para os entusiastas de tal vertente de compreensão, assim como dos seus ferrenhos antagonistas uma vez que parece indissociável pensar-se sobre a sociologia proposta sobre este autor e não associar automaticamente à sua grande obra - que no Brasil foi lançada em dois volumes - sobre os processos civilizadores que se deram na Europa na transição entre sociedade de corte e sociedade burguesa.

Mas o que pretendemos fazer aqui neste trabalho - como dito anteriormente - é procurar esclarecer os pontos presentes na sociologia *eliasiana* com o objetivo de compreendê-la de forma mais clara. Para isso é necessário que entendamos a relação de interdependência entre duas categorias exaustivamente discutidas pelos sociólogos anteriores a Elias: o indivíduo e a sociedade.

Para Norbert Elias (1994) uma das grandes antinomias da experiência moderna refere-se à interpretação sobre o indivíduo monádico, isto é, totalmente independente, ou a uma sociedade extra individual, isto é, uma sociedade que existe para além dos indivíduos. Essa discussão sobre “quem nasceu primeiro” percorre tanto o pensamento sociológico do final do século XIX e começo do XX como também ganha abrangência a partir do desenvolvimento cada vez maior da psicologia e, posteriormente, da psicanálise como ciências que buscam os seus espaços de reconhecimento de consagração.

Para onde quer que nos voltemos, deparamos com as mesmas antinomias. Temos uma certa idéia tradicional do que somos como indivíduos e temos uma noção mais ou menos distinta do que queremos dizer ao pronunciar o termo “sociedade”. Mas essas duas idéias - a consciência que temos de nós como sociedade, de um lado, e como indivíduos de outro - nunca chegam a coalescer inteiramente, sem dúvida, temos consciência, ao mesmo tempo, de que esse abismo entre os indivíduos e a sociedade não existe na realidade. Toda sociedade humana consiste em indivíduos distintos e todo indivíduo só se humaniza ao aprender a agir-falar e sentir no convívio com outros. A sociedade sem os indivíduos ou indivíduo sem a sociedade é um absurdo. Mas, quando tentamos reconstruir no pensamento aquilo que vivenciamos cotidianamente, é constante aparecerem lacunas e faltas em nosso fluxo de pensamento, como num quebra-cabeça cujas peças se recusassem a compor uma imagem completa. (ELIAS, 1994, p. 67)

Neste momento, para o sociólogo alemão, é indiferente saber quais dessas duas categorias teve sua gênese a priori, mas torna-se de grande relevância para seu projeto de análise perceber que indivíduo e sociedade são categorias interdependentes e que o entendimento dos processos sociais se torna possível a partir dessa compreensão do imbricamento entre ambas.

A sociedade produz os indivíduos na mesma forma que os indivíduos produzem a sociedade. Na teoria *eliasiana* tais processos ficaram conhecidos enquanto psicogênese e sociogênese.

Quanto mais intimamente integrados forem os componentes de uma unidade compósita ou, por outras palavras, quanto mais alto for o grau da sua interdependência funcional, menos possível será explicar as propriedades dos últimos apenas em função das propriedades da primeira. Torna-se necessário não só explorar uma unidade compósita em termos das suas partes componentes, como também explorar o modo como esses componentes individuais se ligam uns aos outros, de modo a formarem uma unidade. O estudo da configuração das partes unitárias ou, por outras palavras, a estrutura da unidade compósita, torna-se um estudo de direito próprio. Essa é a razão pela qual a sociologia não se pode reduzir à psicologia, à biologia ou à física: o seu campo de estudo – as configurações de seres humanos interdependentes – não se pode explicar se estudarmos os seres humanos isoladamente. Em muitos casos é aconselhável um procedimento contrário – só podemos compreender muitos aspectos do comportamento ou das ações das pessoas individuais se começarmos pelo estudo do tipo da sua interdependência, da estrutura das suas sociedades, em resumo, das configurações que formam uns com os outros (ELIAS, 1970, pp. 78-79).

O que fica claro neste trecho é a importância dada por Elias ao entendimento a relação de interdependência que existe sobre o projeto sociológico apresentado por ele. Esclarecido a importância da relação entre indivíduo e sociedade na teoria de Norbert Elias, agora podemos avançar mais um pouco e entender sua noção de processos sociais. Para o sociólogo alemão:

A tarefa de uma teoria dos processos sociais consiste no diagnóstico e na explicação das tendências de longo prazo e não-planejadas, mas ao mesmo tempo orientadas, no desenvolvimento de estruturas da personalidade, que constituem a infraestrutura daquilo que em geral denominamos história. (ELIAS, 2006, p. 157)

Os processos sociais só podem ser entendidos sob tal ótica a partir de uma sociologia que abarque a história enquanto ferramenta metodológica adicional. São nesses processos e nas figurações que se formam neles que podemos entender as mudanças a nível de estrutura social, assim como a nível de estrutura de personalidade e afetiva.

“O conceito de processo social refere-se as transformações amplas, contínuas, de longa duração” (ELIAS, 2002, p. 29), antagonizando-se, então, do processo biológico que caracteriza-se como permanente e impossibilitado de rompimentos e reconfigurações. Elias é acusado erroneamente de carregar no núcleo de sua teoria uma dimensão evolucionista, uma vez que alguns interpretaram seu conceito de civilização dotado de uma perspectiva determinista. A própria ideia de civilização não abarca apenas uma dimensão puramente de progresso com uma teleologia intrínseca em seu projeto, mas para o autor é um conjunto de valores que obedece a um determinado momento histórico em que uma classe tenta diferenciar-se de outra na luta por hegemonia - neste caso é o antagonismo entre a nobreza e a burguesia – onde existem novas refigurações nas balanças de poder.

O que interessa a Norbert Elias entender no processo civilizador é como uma forma de ver, sentir e agir, que é constituída por uma classe tentando firmar-se nos jogos políticos e sociais do período em que se formou, tornou-se o modelo de socialização - ou nas palavras do próprio autor - a autoimagem do Ocidente. E como dentro desses jogos de interiorização das pulsões e da cada vez maior autorregulação individual se deu a construção de novas formas de coação, isto é, as novas configurações nas balanças de poder.

Outro conceito bastante importante para entender o caráter processual da sociologia *eliasiana* e pouco explorado pelos entusiastas de sua teoria chama-se *habitus*. Onde, para o autor, o:

(...) *habitus* social comum dos indivíduos que formam entre si uma determinada unidade de subsistência, por exemplo uma tribo ou Estado. Eles são herdeiros não só de uma linguagem específica, mas também de um modelo específico de civilização e, portanto, de formas específicas de auto-regulação, que eles absorvem mediante o aprendizado de uma linguagem comum e nas quais, então, se encontram: no caráter do *habitus* social da sensibilidade e do comportamento dos membros de uma tribo ou de um estado nacional. (ELIAS, 2004, p. 23)

Os *habitus* nacionais, nessa perspectiva apresentada por Elias, são responsáveis pela formação tanto da identidade nacional dos sujeitos que ali habitam, como também de uma dimensão sensível, isto é, de uma sensibilidade específica que está intimamente relacionada com a própria ideia de nação. Isso fica bastante perceptível quando o sociólogo se utiliza como exemplo o caso do humor inglês.

Para o autor, os ingleses têm como predicado um humor que é caracterizado como ácido e autodepreciativo, coisa muito específica da forma deles lidarem e construírem a própria opinião pública do que é ser inglês. Para o sociólogo, um alemão sempre se sentirá estranho ao humor inglês por não possuir a estrutura afetiva, nem a sensibilidade necessária para compreender como o humor, neste caso, está ligado a própria concepção do ideal de nação inglesa. O mesmo estranhamento aconteceria no caso do humor alemão sendo apreciado por ingleses.

Assim como pelo processo específico de construção do *habitus* alemão, que é caracterizado por uma dimensão fatalista de inferioridade, devida as experiências de guerra e as consecutivas derrotas. Além da demonstração, segundo Elias (1997), de um equilíbrio da nação inglesa idealizada e da nação real, diferente do caso alemão em que essa relação entre ideal e real de nação encontra-se desequilibrada, consequência de experiências históricas muito específicas.

O que nos interessa aqui ao apresentar algumas categorias do pensamento *eliasiano*, é enfatizar tanto a dimensão processual de sua sociologia, como também a importância dada à

questão moral, ou seja, usando um léxico mais ortodoxo da sociologia: a importância que os valores sociais galgam no seu projeto de análise da sociedade. Assim como a categoria civilização não é algo estático adquirindo uma dimensão a-histórica como apontada por alguns, a própria construção do que o autor denomina por *habitus* assume uma dimensão que só pode ser compreendida perfeitamente quando entendido em um primeiro momento seu caráter processual e figuracional.

A sociologia *eliasiana* só se torna compreensível quando entendido o que foi demonstrado no ponto defendido anteriormente: a partir de seu caráter relacional entre as estruturas de personalidade e a estrutura social, atrelada à sua dimensão processual. Isto é, a sociologia das figurações é uma sociologia que se ampara na história e nos seus desdobramentos com o objetivo de perceber as mudanças e reformulações - tanto mais amplas das figurações como mais específicas - encarnado na forma como essas figurações se organizam.

O *habitus*, apresentado por Norbert Elias, não se limita apenas a imagem ideal da nação, mas traz consigo uma série de elementos morais e sensíveis em seu interior. Usando um termo que assume uma acepção *durkheimiana*, o *habitus* nacional traz consigo formas de ver, de agir e de sentir muito fortes que serão importantes para os objetivos ao qual este artigo se propõe.

A partir daqui faz-se necessário uma breve exposição da sociologia proposta por Pierre Bourdieu, para que posteriormente possamos fazer as aproximações e distanciamentos entre a teoria apresentada pelo sociólogo alemão e pelo sociólogo francês.

### **Pierre Bourdieu: práticas, *habitus* e disposições**

Pierre Bourdieu é uma das principais figuras da sociologia do final do século XX e começo do século XXI. Apesar de sua atualidade, seu projeto sociológico ganhou e ainda vem ganhando, um espaço cativo nos debates que circundam a teoria social contemporânea. Concordando ou discordando de sua teoria, a importância de seu projeto sociológico é reconhecida nas entranhas da sociologia global.

Bourdieu, assim como Elias, tenta desvencilhar-se das teorias sociológicas de caráter totalizante, tais quais o objetivismo e o subjetivismo. Tanto o sociólogo francês como o alemão,

percebem como crucial para instituição de um projeto sociológico o reconhecimento do caráter relacional entre sujeito e estrutura (sociedade), rejeitando qualquer forma de essencialismo que restrinja o entendimento a apenas uma dessas categorias.

Pierre Bourdieu institui uma sociologia que parte de uma praxiologia para construir o arcabouço teórico e metodológico de suas análises, isto é, uma sociologia da prática (ORTIZ, 1983). O autor está preocupado em entender como se estruturam as relações sociais e como se formam e se mantêm as formas de dominação – que para ele sempre são de ordem simbólica e respectivamente de ordem objetiva.

Para isso o sociólogo francês faz uma releitura do conceito de *habitus*, que tem sua gênese nos escolásticos, mas que também foi utilizado por Norbert Elias, para entender como as formas de ver, sentir e agir se constroem e também como se mantêm. O *habitus* para Pierre Bourdieu pode ser considerado como um conjunto de valores que são socializados por instituições (seja a família ou o próprio Estado) e internalizados pelos indivíduos, onde são apresentadas uma série de disposições de longa duração que podem ou não influenciar diretamente nas tomadas de decisão dos agentes envolvidos por tais estruturas (BOURDIEU, 2008).

O *habitus* na teoria sociológica bourdeusiana tem como função assumir esse caráter relacional entre realidades individuais e a realidade exterior. É um conceito que sintetiza de forma muito eficaz a necessidade de entender a relação entre indivíduo e sociedade proposta por Bourdieu de uma forma não essencialista. É neste sentido que o *habitus* é uma estrutura estruturante e uma estrutura estruturada (BOURDIEU, 1989). Como apontado por Setton (2002):

Habitus surge então como um conceito capaz de conciliar a oposição aparente entre realidade exterior e as realidades individuais. Capaz de expressar o diálogo, a troca constante e recíproca entre o mundo objetivo e o mundo subjetivo das individualidades.<sup>11</sup> Habitus é então concebido como um sistema de esquemas individuais, socialmente constituído de disposições estruturadas (no social) e estruturantes (nas mentes), adquirido nas e pelas experiências práticas (em condições sociais específicas de existência), constantemente orientado para funções e ações do agir cotidiano. (p. 63)

O *habitus* como conjunto de práticas, mas também de sensibilidades e valores é a incorporação das formas objetivas (a estrutura) e a consequente transformação dessas formas incorporadas em subjetividade (indivíduo) que se está diretamente ligada ao agenciamento das ações (disposições) mas nunca a determinação direta dessas ações.

Quando se considera que a prática se traduz por uma “estrutura estruturada predisposta a funcionar como estrutura estruturante”, explicita-se que a noção de *habitus* não somente se aplica a interiorização das normas e dos valores, mas inclui o sistema de classificações que preexistem (logicamente) às representações sociais. O *habitus* pressupõe um objeto um conjunto de “esquemas generativos” que presidem a escolha; eles se reportam a um sistema de classificação que é, logicamente, anterior à ação (ORTIZ, 1983, p. 17)

Para entender melhor esse conceito apresentado por Bourdieu de *habitus*, é necessário que tenhamos em mente como essas formas de agir e sentir se estruturam a partir do campo. O campo é um espaço social onde as relações de poder simbólico – ou não – se estruturam e se dão.

Campo é um microcosmo social dotado de certa autonomia, com leis e regras específicas, ao mesmo tempo em que influenciado e relacionado a um espaço social mais amplo. É um lugar de luta entre os agentes que o integram e que buscam manter ou alcançar determinadas posições. Essas posições são obtidas pela disputa de capitais<sup>4</sup> específicos, valorizados de acordo com as características de cada campo. Os capitais são possuídos em maior ou menor grau pelos agentes que compõem os campos, diferenças essas responsáveis pelas posições hierárquicas que tais agentes ocupam. (PEREIRA, 2015, p. 337)

Em seu livro *As Regras da Arte* (1996), Pierre Bourdieu se utiliza de forma bastante clara a relação entre *habitus* e campo. Ao reconstruir a história do desenvolvimento do campo literário francês moderno, assim como o surgimento da noção contemporânea de arte pela arte, assim como do artista como ser independente da sociedade, o autor vai nos apresentando as tensões presentes no campo literário em construção, assim como seu caráter processual e coativo. As lutas de poder, assim como a necessidade de incorporação das demandas sensíveis e também das competências artísticas que definiram o estereótipo de arte e artista que conhecemos na contemporaneidade.

Norbert Elias faz algo similar em *Mozart: A sociologia de um gênio* (1995). Diferente de Pierre Bourdieu que parte do desenvolvimento do romance e do capitalismo tipográfico para pensar as novas formas que se instituem tanto de fazer arte como de ser artista, Elias analisará a biografia de Mozart que, para o autor, é considerado um *outsider*. Mozart pode ser considerado o protótipo de artista burguês que se via enquanto autônomo, mas preso a estrutura social e sentimental da sociedade de corte alemã onde o músico era apenas um empregado da nobreza. Os conflitos que são apresentados pelo autor mostram-se como exemplos que o *habitus* e o campo – por mais que Elias não use tais categorias – possuem na vida dos indivíduos. Mozart não tinha espaço para desenvolver-se enquanto artista em sua época e indivíduo que se enxergava, gerando uma série de conflitos e problemas para com a música, sua família e a própria sociedade do período.



Em outra obra sua intitulada *A arte pela arte: os museus de arte na Europa* (2003), escrita em parceria com Alain Darbel, em colaboração com Dominique Schnapper, Pierre Bourdieu parte do problema de que apesar da gratuidade financeira do acesso a arte e aos museus, esse acesso de gratuito não tem nada. Uma vez que a relação entre os indivíduos e arte se constrói a partir da incorporação dos *habitus* de classe. A constatação apresentada por Bourdieu parece óbvia: quanto maior o capital financeiro, maior o capital cultural e, dessa forma, maior o entendimento sobre as categorias de competência que permitem uma compreensão do que está exposto nestas obras.

É interessante ressaltar a força que o *habitus* possui no processo de formação da experiência com o campo artístico. Os sujeitos entrevistados pertencentes as classes populares, na falta de um repertório para compreender a arte pela arte, se utilizam de categorias da vida prática para explicar a reação que os mesmos estabelecem com as obras de arte: são valiosas porque são antigas, são importantes porque expressam sentimentos suscitados no campo do trabalho de suas respectivas profissões – uma vez que foram entrevistados fazendeiros, operários de fábricas e estudantes secundaristas populares.

Ao falarmos de dois momentos do campo artístico – o momento de sua criação e o momento onde ele já é instituído –, é apontada a centralidade que o conceito de *habitus* possui na obra de Bourdieu. A forma que essa categoria está intimamente relacionada com a reprodução da desigualdade e de sua manutenção está ligada à como essa dominação assume várias formas, a exemplo da dominação masculina, que se apresenta como uma particularidade biológica, mas não passa de uma arbitrariedade cultural - fruto de relações históricas e sociais muito específicas visando a manutenção de poder e hierarquia social.

Apesar da força que o *habitus* possui, ele não determina integralmente a ação dos indivíduos, isto é, ele não é um determinante direto da forma como os indivíduos vão agir, uma vez que é a partir das disposições apresentadas por esses valores interiorizados que os indivíduos irão postar-se no mundo. Em outras palavras os valores próprios ao *habitus* servem como elementos que influenciam as ações dos indivíduos, mas nunca como elementos determinantes das ações, uma vez que esses valores podem ser reformulados ou reestruturados, como também adaptados, dependendo das circunstâncias em que são observados.

Como bem apontado por Setton (2002), o “*Habitus* não é destino. *Habitus* é uma noção que me auxilia a pensar as características de uma identidade social, de uma experiência biográfica, um sistema de orientação ora consciente ora inconsciente. *Habitus* como uma matriz cultural que predispõe os indivíduos a fazerem suas escolhas”. (p. 61)

### ***Habitus*: entre emoções e valores**

Como podemos perceber, existe uma relação muito próxima entre os conceitos de *habitus* de Elias e Bourdieu. Principalmente quando nos centramos no problema da afinidade entre estruturas subjetivas – *habitus* e disposições – e a experiência moral e emocional.

Em Norbert Elias a relação entre moral e emoções é muito mais explícita, uma vez que o autor pode ser considerado como um dos representantes da sociologia das emoções. Como bem apresentado em “*Os alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX*” (1997), a ideia de nação enquanto um conjunto de valores vem imbuída com um conjunto de sentimentos que fazem com que essa imagem ideal – a nação - seja valorizada e defendida. Para Elias, é difícil conceber a relação entre as várias facetas de socialização sem levar em consideração os sentimentos que as envolvem.

Em Pierre Bourdieu as emoções não aparecem de forma explícita, mas a partir de suas definições de *habitus* e das disposições é possível perceber essa dimensão das sensibilidades. Muito mais do que apenas a forma como os sujeitos vão lidar e consumir cultura, as categorias que esses indivíduos vão utilizar para consumir e interpretar tais bens simbólicos são oriundas das classes em que estão inseridos. Isso fica bastante evidente em suas análises a respeito da arte, principalmente quando esses sujeitos a consomem. “*O amor pela arte: os museus de arte e seu público*” (2003) demonstra que quanto maior o nível de capital acumulado pelos sujeitos, maior é o nível de abstração na interpretação das artes ali expostas, assim como também demonstra a relação presente entre os valores de classe e um conjunto de emoções que envolvem esses universos.

A força com que esse conjunto de valores e emoções, o *habitus*, é naturalizado nos indivíduos torna-se compreensível quando estabelecemos a relação entre indivíduo e sociedade. Norbert Elias demonstra que o grande problema da experiência da república de Weimar se deu pela incapacidade dos alemães, enquanto povo, de lidar com os valores ditos democráticos. Os alemães possuíam uma tendência em seu caráter nacional em respeitar figuras e modelos autocráticos, o que fez com que os mesmos compreendessem a república enquanto um momento de fraqueza da imagem “nós-eu” do que era ser alemão. Para o autor,

Enquanto que as instituições conheceram uma perceptível mudança no sentido de maior democratização, as relações de poder retiveram muito mais o cunho autoritário

que tinham adquirido nos séculos de domínio autocrático. Foi uma das mais fantásticas expressões do racionalismo a-histórico deste século que as pessoas supusessem então (como muitas ainda supõem hoje em dia) que uma democratização de atitudes, crenças e convicções viria na esteira do estabelecimento de instituições democráticas, parlamentares. (1997, p. 300)

Neste mesmo sentido, Pierre Bourdieu (2003) demonstra como a democratização de certas instituições, não necessariamente implicam em equidade de oportunidades. O simples fato dos museus estarem abertos de forma gratuita ao público em geral, não necessariamente implica em um processo de democratização do espaço público. Além das classes mais baixas não se sentirem à vontade em tais espaços e os utilizarem para outras finalidades, como por exemplos piqueniques, a maneira como elas interpretam as obras ali expostas partem de um sentimento de autoridade, de legitimação das relações de desigualdade.

A forma como estes bens simbólicos são consumidos, não se restringem apenas a dimensão material. As categorias sensíveis, as formas de interagir com a arte e classificá-la, legitimá-la são oriundas desse *habitus* socializado na classe. Apesar de não ser um dos seus principais objetos de análise, Pierre Bourdieu não dispensa a relação entre valores e sensibilidades e isso fica exemplificado na forma como o mesmo descreve a relação entre classes sociais e arte erudita.

Quem não recebeu da família ou da Escola os instrumentos, que somente a familiaridade pode proporcionar, está condenado a uma percepção da obra de arte que toma de empréstimo suas categorias à experiência cotidiana e termina no simples reconhecimento do objeto representado: em efeito, o espectador desarmado não pode ver outra coisa senão as significações primárias que não caracterizam em nada o estilo de obra de arte, além de estar condenado a recorrer, na melhor das hipóteses, a conceitos “demonstrativos” que, de acordo com a observação de Panofsky, limitam-se a apreender e a designar as propriedades sensíveis da obra (por exemplo, quando se descreve uma pele como aveludada ou um bordado como delicado) ou a experiência emocional (quando alguém fala de cores austeras ou alegres), suscitada por essas propriedades. (BOURDIEU & DARBEL, 2003, p. 79)

Fica bastante evidente que tanto em Norbert Elias quanto em Pierre Bourdieu existe uma relação muito forte entre indivíduo e sociedade. Ambos demonstram que mudanças institucionais, sem mudanças no nível dos valores são inviáveis, como também mudanças nas estruturas subjetivas sem mudanças estruturais da sociedade não se sustentam.

Diferentemente de Pierre Bourdieu, Norbert Elias não está pensando o *habitus* enquanto conjuntos de valores específicos pertencentes a classes específicas. Mas enquanto um conjunto de valor coletivo, no sentido de caráter nacional, isto é, conjunto de valores e sentimentos próprios a uma nação. O que não inviabiliza a aproximação entre ambos os autores,

uma vez que essas disposições sensíveis oriundas do *habitus* assumem uma dimensão de naturalização e influenciam nas ações dos indivíduos socializados em tais circunstâncias.

Tanto em um como no outro autor, os indivíduos são guiados pela relação entre o “nós” enquanto grupo e o “eu” enquanto indivíduos autônomos. As personalidades individuais são formadas a partir da socialização dos sujeitos em sua nação ou em grupos específicos. Esses grupos possuem normas próprias que garantem tanto a reprodução da desigualdade (Bourdieu) como também o desequilíbrio nas relações de poder (Elias).

Mas é interessante ressaltar que o que faz com que os indivíduos mantenham esses desequilíbrios de poder e mantem a ordem estabelecida são as emoções que estão acompanhando esses jogos de poder. São os sentimentos de posituação e negatuação que garantem, por exemplo, o valor distintivo de humanidade em sociedades que possuem poder econômico similares – basta lembrarmos das relações entre a Zona 1 e a Zona 2 na comunidade de Winston Parva (ELIAS & SCOTSON, 2000).

Como também no caso dos sistemas de ensino, que além de ser nivelado por fatores diferenciados, o sentimento de ineficácia da formação dos filhos das classes populares francesas por parte de seus pais (BOURDIEU & PASSERON, 1992), também figura como um exemplo da relação entre *habitus* e emoções. E esse sentimento de impotência tem como resultado a manutenção das hierarquias sociais.

Exemplos pululam de como essa relação entre estruturas subjetivas e experiência moral e emocional estão presentes na obra tanto de Norbert Elias como de Pierre Bourdieu. O que intentamos fazer ao relacionar esses elementos, foi através de alguns exemplos presentes na obra destes autores, possibilitar uma melhor compreensão sobre o que está sendo pretendido neste artigo.

Para estes autores não existe a possibilidade de interpretação dos processos sociais a partir de ações individuais, tão pouco a partir das estruturas sociais desassociadas das ações individuais. As disposições dos indivíduos e das coletividades em ambos, são guiadas pela economia moral e emocional própria ao *habitus*,

Neste sentido, as duas teorias podem contribuir bastante para entender a relação entre sociedade e experiência moral e emocional, uma vez que ambas percebem no campo da sensibilidade um elemento importante na construção da análise sociológica proposta por cada um. A maneira como essas formas de agir e sentir são incorporadas e as categorias de entendimento que as acompanham são os exemplos dessa relação entre moral e sentimentos, presente em tais obras.

## Considerações Finais

Tanto Norbert Elias, quanto Pierre Bourdieu percebem o *habitus* como resultado de processos históricos específicos e sempre sujeitos a reformulações. Não são estruturas estáticas, como também não são elementos determinantes na ação dos indivíduos. Seguindo a perspectiva de ambos, esses conjuntos de valores incorporados tanto estão ligados a relações de poder e desigualdade, como são elementos que orientam a ação dos indivíduos, assim como as formas de sentir. Inclusive, o seu entendimento enquanto objeto sociológico só se torna possível a partir de uma visão que abarque a história como suporte, para entender os desenvolvimentos e desdobramentos de tais momentos.

As diferenças entre os autores também se mostram bastante evidentes quanto a maneira como cada um constrói as ferramentas metodológicas de suas análises. Por pertencerem a momentos diferentes, possuem demandas diferentes. Apesar das divergências já citadas, não podemos deixar de enxergar certas continuidades entre os autores .

Tanto Elias quanto Bourdieu não concebem o objeto da sociologia enquanto categorias independentes – indivíduo e sociedade -, o *habitus* em ambos é um exemplo disso. É um conjunto de valores que é socializado em grupo, mas que age de formas específicas nos sujeitos individuais, sem fazer com que o seu caráter social – isto é, coletivo – seja perdido. O *habitus* em Norbert Elias adquire uma dimensão mais macrosociológica, uma vez que o autor sempre está associando-o ao caráter nacional de um povo, enquanto Pierre Bourdieu traz essa dimensão macro e microsociológica porque existe aí um conjunto de valores que está intimamente ligado a um conjunto plural de campos de ação – e isso fica muito claro e evidente quando o autor trabalha o seu conceito de campo.

Ambos reconhecem a relação do *habitus* com a experiência moral, como também com a experiência emocional. Mas, o mais importante, é compreender que tanto Norbert Elias como Pierre Bourdieu não pertencem a polos opostos e antagônicos da teoria social, possuindo momentos de convergência bem mais constantes que momentos de divergência.

O *habitus* em ambos apresenta-se enquanto uma categoria histórica, como já mencionado, por ter essa dimensão processual está em constante reformulação – Bourdieu mostra como o campo artístico é um exemplo dessas reformulações e de como isso fica mais

evidente nas disputas por poder. Classificar as teorias de Norbert Elias e Pierre Bourdieu como deterministas é fazer uma leitura muito simplista do que ambos defendem como objeto da sociologia.

## Referências

BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**. São Paulo: Cia. Das Letras, 1996.

BOURDIEU, Pierre. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand, 1989.

BOURDIEU, Pierre. **Razões práticas: sobre a teoria da ação**. São Paulo: Papirus, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

BOURDIEU, Pierre; DARBEL, Alain. **O amor pela arte: os museus de arte na Europa e seu público**. São Paulo: Zouk & Edusp, 2003.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean C. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Ed, 1992.

ELIAS, Norbert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder em uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2000.

ELIAS, Norbert. *Escritos & ensaios. Vol. 1: Estado, processo, opinião pública*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2006

ELIAS, Norbert. **A sociedade dos indivíduos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1994.

ELIAS, Norbert. **Introdução à Sociologia**. Lisboa: Edições 70, 1970.

ELIAS, Norbert. **Mozart: sociologia de um gênio**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1995.

ELIAS, Norbert. **Os Alemães: a luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX**. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 1997.

PEREIRA, Elaine Aparecida. O conceito de campo de Pierre Bourdieu: possibilidade de análise para pesquisas em história da educação brasileira. *In: Revista Linhas*, p. 337 -356, 2015. Disponível em <  
[http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1984723816322015337/pdf\\_97](http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/viewFile/1984723816322015337/pdf_97)>

SETTON, Maria da Graça. A teoria do habitus em Pierre Bourdieu: uma leitura contemporânea. *In: Revista Brasileira de Educação*, n. 20, p. 60-70, agosto de 2002. Disponível em <  
<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n20/n20a05>>

